

Editorial

Esta nova edição da revista *Mal-estar e Sociedade* segue o ritmo de uma boa prosa mineira em tempos de eleição. Nestes tempos tudo se torna assunto político, seja a análise do poder de persuasão de um discurso acadêmico, seja a do discurso sobre a privatização dos recursos hídricos; seja o poder de criativamente gerar resistência, seja a formação limitada pelo ideal de não ser criativo. A prosa que propomos nesta edição mantém a característica da revista de ser aberta a temáticas diversas, mas nos conduz a uma reflexão imediata da política de nosso tempo.

Este número é aberto pela discussão do poder do discurso no artigo *Refletindo sobre o estado da competência discursiva para a escrita de aluno/autor universitário* de autoria de Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho e Geruza Corrêa Daconti. Nele as autoras analisam dois textos produzidos por acadêmicos a partir do Modelo de Análise Modular do Discurso, demarcando o uso dos conectores como elemento fundamental para que o texto alcance a pertinência adequada. A pertinência do discurso é fundamental para que seu objetivo seja alcançado e se exerça poder sobre o outro. Toda boa prosa carece de um bom uso dos conectores para que o convencimento não se dissipe antes da hora.

A análise da prosa política segue com a abordagem da representação social sobre a educação inclusiva em *Representações sociais de professores sobre educação inclusiva: sujeitos, desafios e formação* de Ana Paula Pacheco Moraes Maturana. A partir de entrevistas feitas com 26 professoras, as autoras questionam a veracidade da inclusão social nas escolas. Entre a letra fria da lei, a compreensão desta pelos cidadãos e a aplicação, existem muitos meios termos que precisam ser compreendidos. Abordar a representação social feita por professores da realidade da inclusão demonstra que nem tudo pode ficar apenas na esfera do convencimento da prosa, a realidade precisa ser compatível com o discurso.

Se nos primeiros dois artigos são os discursos que são problematizados, Marcos Vinícius Costa Meireles e Marcos Alfonso Spiess optam por problematizar o silêncio em *O Silêncio de Deus: Considerações sobre as relações entre cinema e religião a partir de Luz de Inverno*. A discussão da religião a partir do cinema, e mais precisamente do filme *Luz de Inverno* de Ingmar Bergman, não se limita a uma análise da Ciência da Religião ou da estética, abre espaço para uma compreensão das prosas e silenciamentos do humano diante do divino.

O posicionamento do homem diante da completa alteridade é ainda o pressuposto da relação política de todo sujeito diante do outro. Uma relação que não é problemática apenas quando o outro é divino, mas que é complexa toda vez que a relação é demarcada por um distanciamento hierárquico como demonstra o artigo *Resistência e Trabalho* de Admardo Bonifácio Gomes Júnior. A noção de resistência é trabalhada neste artigo como um poder de transformação da vida social e da saúde mental. Uma ação política de resistência não precisa ser organizada socialmente como em uma greve, mas cada gesto que valoriza o “saber fazer” é um gesto que mantém viva a resistência e a criatividade.

Palloma Sthéfanie Ramos e Fábio André Gonçalves das Chagas em seu artigo *A influência da Doutrina de Segurança Nacional na formação de assistentes sociais*, mantém o tom fortemente crítico da prosa, demonstrando como a ditadura influenciou diretamente a formação dos assistentes sociais para que executassem a sua função o mais tecnicamente possível e influenciassem minimamente a população carente a uma discussão política. O “saber fazer” dos assistentes sociais não é problematizado para evitar qualquer forma de resistência criativa no trabalho.

Entre a falta de resistência criativa e a formação tecnicista nossos discursos políticos vão se efetivando buscando demarcar espaços de convencimento como é tratado em *Escassez de água, controle populacional e retórica da privatização* por João Felipe Salomão. Ao tratar do discurso sobre a privatização dos recursos hídricos o autor trabalha com a forma como o discurso administrativo conduz a conclusões precipitadas, embora de forma alguma sejam conclusões ingênuas. Conduz-se com toda a pertinência do bom uso dos conectores à uma conclusão que possui um interesse particular, a privatização atende à demanda de uma ampliação das desigualdades sociais.

Encerrando a seção de artigos Mauro Rocha Baptista com *O novo, o velho e o desamarrotado: Anotações sobre a disputa eleitoral de 2014*, faz uma avaliação da proposta de uma “nova política” que surge no cenário da recente eleição majoritária a partir de incursões nos satíricos aforismos de Millôr Fernandes. A prosa se encerra com o tom humorístico da conclusão de que tudo está ainda em aberto. De que todas as prosas não passam de um começo de conversa, não passam de uma prerrogativa para que novas prosas aconteçam.

Este número conta ainda com a resenha do livro *A escola primária noturna em Minas Gerais (1891-1924)* de Vera Lúcia Nogueira feita por Daniele Alves Ribeiro.